

CRIANÇAS NOS SINAIS: UM OLHAR SOBRE O TRABALHO INFANTIL E AS POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES DE VIVÊNCIAS DO LAZER NAS RUAS DE BELO HORIZONTE¹

Recebido em: 10/02/2007

Aceito em: 17/03/2007

Túlio Campos²

José Alfredo Oliveira Debortoli³

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Sabemos que no nosso país existem várias formas de exploração da mão de obra infantil. Vários motivos levam as crianças a serem incorporadas no mundo do trabalho. Entre outras questões, esse problema está associado à pobreza, à desigualdade, ao desemprego e à exclusão social. Mas, também, relaciona-se com outros fatores de natureza cultural, econômica e de organização social. Esta reflexão nos leva a trazer como tema central a precarização das experiências culturais e corporais de crianças empobrecidas. A problematização do trabalho infantil trás consigo reflexões a respeito da privação das práticas culturais e corporais, que se mostram relevantes na formação profissional em Educação Física, em particular nos estudos sobre o Lazer.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Lazer. Trabalho Infantil.

CHILDREN IN THE TRAFFIC LIGHTS: A VISION ABOUT CHILD LABOR AND THE POSSIBILITIES AND IMPOSSIBILITIES OF THE LEISURE EXPERIENCES IN THE STREETS AT BELO HORIZONTE

ABSTRACT: We known that in our country there are a lot of ways of child labor. There are several reasons that sway the children to enter in the work's world. Among other things, this problem is associated the poverty, the unequally, the unemployment and the social exclusion, but too to relate to other factors of cultural, economics and social organization reasons. This thought sway us to bring as mean subject a little of the cultural and body experiences of poor children. The problematic of child labor bring itself reflections about deprive of the cultural and body practices that show its important in the training in Physical Education, specially in the studies about Leisure.

¹ Este trabalho é fruto da pesquisa realizada no Programa de Educação Tutorial – PET – Educação Física e Lazer da UFMG, orientado pelo Professor José Alfredo Oliveira Debortoli no período de 2005-2007.

² Discente do curso de Graduação em Educação Física da UFMG. Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET – Educação Física e Lazer (SESu/ MEC).

³ Doutor em Educação pela PUC – Rio de Janeiro. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais.

KEYWORDS: Childhood. Leisure. Child Labor.

Introdução

Este estudo teve como princípio e ponto de partida o reconhecimento do direito de todas as crianças a experiências culturais que lhes possibilite uma formação humana com dignidade plena. A cada dia emerge nos meios de comunicação de massa denúncias de crianças submetidas às mais diversas e perversas formas de trabalho. No nosso país, mesmo considerando a emergência e a ampliação de políticas de combate ao trabalho infantil, persistem várias formas de exploração da mão de obra infantil.

O presente trabalho propõe trazer reflexões e diálogos sobre as possibilidades e impossibilidades de vivências do lazer de crianças inseridas no cotidiano da rua. Em um primeiro instante apresentarei ao leitor, de maneira sucinta, os dois primeiros momentos do estudo. Posteriormente, através da pesquisa de campo na qual houve o encontro com crianças que estão no mundo do trabalho⁴, propus uma rede de diálogos entre uma infância, que tem a rua como locus central de suas experiências sociais, e a necessidade de novos olhares sobre as mesmas para pensarmos nas relações que se estabelecem entre Infância, Lazer e Trabalho Infantil.

Estudar crianças e sua relação como o trabalho não é uma tarefa simplista. Traz consigo preconceitos, ambigüidades, necessidades de sobrevivência e formas de inserção precária de muitas famílias brasileiras. Entretanto, conhecer de perto a realidade das crianças trabalhadoras abre brechas para entendermos as relações entre criança, lazer, trabalho, na direção de políticas e

⁴ Pesquisa de campo feita através de observações e do encontro com duas crianças que trabalham no sinal na cidade de Belo Horizonte.

processos de formação humana que apontem para uma inserção social mais digna para as crianças brasileiras.

A Construção Social de um Lugar de Sujeito

Reconhecer a pluralidade e a heterogeneidade das infâncias é estarmos abertos para reconhecer as especificidades das crianças com quem nos encontramos para que busquemos sua interlocução e valorização de sua condição de sujeito.

Em nossa sociedade, atualmente, ainda sobressai o entendimento de que às crianças devem ser preparadas para um futuro idealizado pelo adulto. Em contraposição a esse pensamento, diversos estudos surgiram na década de 80, através dos movimentos sociais a favor dos direitos das crianças, problematizando uma visão desenvolvimentista da infância, buscando outros parâmetros para compreender a diferença entre adulto e criança para além de uma suposta relação de fragilidade, dependência e incompetência da criança frente o adulto. Gouvêa (2003, p. 14) aponta que a visão na qual a criança deveria ocupar espaços destacados da sociedade adulta determinou construções de saberes e conhecimentos sobre a infância.

De acordo com Souza (1996, p. 45), a psicologia do desenvolvimento aborda a infância como mero estado precário e efêmero, que só se resolverá na idade adulta após o acúmulo de experiências e conhecimentos ditados pela sociedade, além de nos habituar a pensar a criança na perspectiva de um “organismo em formação”.

Para Castro (2001, p. 19), um afastamento de uma visão normativa da infância, no ensino de Psicologia do Desenvolvimento Infantil para alunos da graduação, tem sido fonte valiosa de grandes questionamentos e desafios, como por exemplo, “como pensar a infância sem ser “focada

a” considerá-la como sendo imatura e pouco desenvolvida? “A constituição de uma psicologia da infância na era moderna esteve imbricada numa noção de norma”, ou seja, “de que o sentido da infância é necessariamente apreendido em relação a uma trajetória a ser percorrida até a idade adulta”. Essa noção de norma que a Psicologia trás, faz com que as diferenças e discontinuidades entre adultos e crianças permaneça. Essa concepção desenvolvimentista posiciona a criança enquanto sujeito imaturo, inacabado, um “vir-a-ser” linear e previsível, e não pela competência do aqui e agora, sendo assim afastada do mundo das atividades socialmente reconhecidas.

Sob este ponto de vista a criança é vista como incapaz de ser “porta voz” de seus próprios desejos e direitos. Proponho, pois, problematizar uma suposta incapacidade sócio-política das crianças, particularmente, quando concebidas como algo natural e não como uma construção histórica, cultural e social. Reforçar essa menorização da infância em relação ao adulto, esvazia sua presença nas relações sociais, sendo tomada apenas como um organismo em processo desenvolvimento/socialização.

Proponho, aqui, refletir que há uma complexa teia de interdependência, na qual crianças e adultos precisam ser vistos como uma multiplicidade de seres em formação, incompletos e dependentes. Entre crianças e adultos se estabelece uma relação de dependência recíproca. São relações historicamente construídas, continuamente, atualizadas nas práticas sociais do cotidiano, nas interações entre crianças e nas interações entre crianças e adultos. Fazem parte desse processo as variações demográficas, as relações econômicas e seus impactos nos diferentes grupos etários, além das políticas públicas, das práticas sociais e dos estilos de vida de crianças e de adultos.

Crianças nos Sinais: um olhar sobre a infância, o trabalho e a ludicidade?!

Tendo a infância, o trabalho e a ludicidade como tema de pesquisa ressalto a necessidade de aproximar do sujeito criança e conhecer sobre a realidade que o cerca. Desde o início, percebi que encontraria desafios pelo caminho. Minha vontade de ir ao encontro do outro e de escutá-lo era intensa a todo o momento, mas não poderia fazê-lo sem a apropriação de elementos que fundamentassem meu olhar sobre as crianças nos sinais. Alguns questionamentos surgiram ao longo da construção da metodologia de pesquisa, que vieram a ser esclarecidos depois dos estudos sobre a Antropologia e a Sociologia da Infância.

Estudos Antropológicos propõem analisar tudo aquilo que constitui uma sociedade: seus costumes, suas crenças, suas técnicas, sua língua, seus modos de produção, seus sistemas de parentesco, etc. Consiste em estudar a maneira particular como estes diferentes elementos estão relacionados entre si, que constituem a especificidade de uma dada sociedade ou cultura.

Kramer (1996, p. 24) afirma que o campo da antropologia oferece elementos essenciais aos estudos da infância, pois enfatiza a necessidade de buscar a diversidade e a importância de estranhar o familiar e de compreender o outro.

O olhar da Antropologia, nessa perspectiva, consiste em tornar visível o que, aparentemente, se faz invisível aos olhos dos outros, é transformar o ordinário em extraordinário, muitas vezes tomado por banal, cotidiano, constante no dia-a-dia, rotineiro, repetitivo. As atitudes e comportamentos que se tornam rotineiros acabam sendo, de um jeito ou de outro, aceitos pela sociedade. Portanto, o projeto antropológico consiste no conhecimento e compreensão de uma humanidade plural: uma ruptura com a figura da monotonia do duplo, do igual e do idêntico.

Sendo assim, a abordagem antropológica provoca uma verdadeira revolução epistemológica, que começa por uma *revolução do olhar*⁵.

Já o campo da Sociologia da Infância tem ocupado um espaço significativo no cenário internacional, por propor um grande e importante desafio teórico-metodológico de considerar as crianças atores sociais plenos. Delgado; Müller (2005, p. 351), afirmam que a perspectiva sociológica não deve considerar somente as adaptações e internalizações dos processos de socialização, mas também os processos de apropriação, reinvenção e reprodução que são realizados pelas crianças. Essa visão de socialização é fundamental, pois considera a construção e reconstrução da cultura através do coletivo, sendo que as crianças negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares.

É relevante pensar nas crianças em contextos diversos com experiências singulares do cotidiano. O olhar atípico, de estranhamento, seria uma possibilidade de construirmos conhecimentos sobre a infância e reconhecê-la na sua pluralidade e heterogeneidade que se manifesta de diferentes formas na nossa sociedade. O estudo da Antropologia juntamente com a Sociologia da Infância é uma possibilidade de arquitetar novos estudos e olhares sobre as crianças e as infâncias em constantes diálogos com o lazer.

No decorrer deste estudo busquei compreender a entrada no campo, não apenas como um pesquisador-observador, mas como um pesquisador-ouvinte disposto a escutar o que as crianças tinham a dizer. Várias eram às possibilidades de uma aproximação, gerando tensão sobre por onde começar e quais crianças abordar no meu estudo, as crianças dos sinais ou as crianças dos ônibus? Até que um dia, a caminho da universidade, observei um grupo de garotos fazendo malabares em um sinal próximo a escola de Educação Física, naquele momento questionei-me:

⁵ Grifo meu.

por que não dar voz às essas crianças, saber mais sobre o seu cotidiano, sobre como é o trabalho delas no sinal?

A partir desse dia comecei a elaborar estratégias para uma aproximação, o que oportunizou problematizações e discussões sobre o lazer e o cotidiano das crianças nos sinais.

O Encontro com as Crianças⁶

No trabalho realizado com as crianças, a análise do caderno de campo e das entrevistas foram organizados em eixos de análises que se inter-relacionam entre si: **1 - Relação Espaço-Temporal no Cotidiano das Crianças pela Cidade** - Neste eixo procuro descrever os espaços da cidade e a presença das crianças na sua consistência temporal. **2 - As Crianças e o Universo das Relações Sociais** – Neste segundo eixo procuro discutir as relações sociais imbricadas no cotidiano das crianças em seus diferentes espaços como: a casa, o bairro, o trajeto e o pedaço, ou seja, todos os locais das práticas sociais e corporais presentes na vida das crianças que participaram da pesquisa.

Segundo Gomes (2004, p. 124), o lazer é uma dimensão da cultura construída socialmente, em nosso contexto, a partir de quatro elementos inter-relacionados, sendo eles: *tempo*, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer; *espaço-lugar*, que vai além do espaço físico por ser um local do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transforma-lo em ponto de encontro e de convívio social; *manifestações culturais*, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como

⁶ Os nomes das crianças citadas são fictícios, entretanto foram escolhidos por eles durante a pesquisa. Este trato trás, além da ética, uma identidade na qual os garotos se reconhecem como sujeitos da pesquisa. Agradeço ao Gabriel e Jean, que são os garotos ao qual fui ao encontro no sinal, que tiveram grande contribuição na construção deste trabalho, não como objetos de pesquisa e sim como sujeitos.

possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento; *ações (atitudes)*, que são fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados, estabelecido nas relações sociais.

Nessa perspectiva, tendo os quatro elementos como referência, observei que o lazer se inscreve no interior das relações estabelecidas com diversas dimensões do nosso dia-a-dia. Se faz presente, mesmo de forma ambígua, no cotidiano das crianças nos sinais, nos ônibus, nas carvoarias, nas pedreiras, nas minas, etc.

1. Relação Espaço – Temporal no Cotidiano das Crianças

A ocupação espaço-temporal das crianças na rua e na cidade se dá de diversas maneiras em diferentes momentos do cotidiano. Configura-se na trama social em relações de ambigüidades com o existente, ou seja, como nos diz Figa (1998, p. 91) “Nos meninos de rua, não há entidades fixas, não há um sentido único, não há um sentido-caminho-direção; não há sentido de uma só significação, nem espaço, nem no tempo, mas há simultaneidades entre aquilo que se define como relação de oposição: O Mesmo/O Outro, Sujeito/Objeto, Infância/Idade Adulta, Passado/Futuro, Sedentário/Nômade, Público/Privado, Trabalho/Descanso, Rotina/Aventura... Vida/Morte...”.

Castro (2001, p. 125) nos diz que a cidade não deve ser apenas vista como espaço físico, mas como um espaço social, onde as relações sociais do cotidiano moldam a materialidade do espaço físico. Podemos dizer que a cidade é o espaço das diferenças, das trocas de conhecimento e da diversidade cultural, entretanto constitui-se também como espaço das desigualdades sociais, da miséria, da fome, da insalubridade, do abandono e da violência, do medo, etc.

Para crianças que trabalham nas ruas, o peregrinar pela cidade, em muitos casos, significa a busca de novas formas de sobrevivência. Cabe ressaltar que a presença de crianças nas ruas, em situações como a de pedintes, por exemplo, deve ser percebida como uma distorção da ordem social, ou seja, as relações de sobrevivência constroem-se numa emaranhada disputa onde inclusões e exclusões são forjadas.

Ao andarmos pela cidade de Belo Horizonte, o que também é realidade em outras cidades do Brasil, em diferentes momentos do dia ou da semana, encontramos crianças trabalhando nos sinais de trânsito e em outros espaços como ruas, morros, praças, parques, ônibus, feiras, sinais de trânsito, etc.

Na cidade de Belo Horizonte, onde este estudo foi realizado, a presença das crianças nos ônibus tem se tornado menos visível, talvez devido ao aumento da fiscalização e/ou das várias campanhas⁷ de sensibilizações direcionadas a população. Mesmo raro, ainda é possível observar crianças trabalhando nesses espaços.

Entretanto, em outros locais como, por exemplo, em feiras de artesanato percebe-se um aumento do número de crianças que trabalham como carregadoras e guardadoras de sacolas, vigia de carros, entre outras ocupações não formais. Ultimamente, tenho observado na feira de Artesanato da Afonso Pena⁸ uma ação que tem se tornando muito comum. Inúmeras crianças se pintam e se fantasiam de estátuas permanecendo imóveis em lugares estratégicos, antes ocupados por adultos que também exerciam a mesma prática, com a finalidade de arrecadarem dinheiro. Em outros espaços como shows, espetáculos teatrais, cinemas, estacionamentos, entre outros,

⁷ Iniciado em outubro de 2005, o Movimento Contra o Trabalho Infantil já teve duas etapas de mobilização. Uma com a distribuição de folhetos aos motoristas nas ruas e a outra em visita a empresas e instituições públicas. Site - <http://portal4.pbh.gov.br/pbh/> - Acessado em 31/10/2006.

⁸ Considerada maior feira de artesanato a céu aberto da América Latina. Realizada em uma das principais Avenidas de Belo Horizonte todos os domingos.

encontramos crianças trabalhando, desempenhando funções como de vigias e lavadoras de carros ou até mesmo como referências para a compra e venda de drogas.

Nos últimos anos têm-se observado, através dos noticiários, documentários (Falcão – Meninos do Tráfico)⁹ e episódios, o envolvimento de crianças com o tráfico de drogas. A cinematografia nacional retrata em diferentes filmes e episódios o cotidiano de crianças envolvidas com o tráfico de drogas. Como exemplos: o episódio “Cidade dos Homens” - 2002, e o filme “Cidade de Deus” – 2002 e mais recentemente o filme – “O Maior Amor do Mundo” – 2006. Em âmbito internacional, lançado no ano de 2006, o filme “Crianças Invisíveis”¹⁰ é um conjunto de sete curtas¹¹ que retrata as infâncias das crianças em situações de abuso, de exploração, de violência, de guerra, de miséria, dentre outras formas precárias de sobrevivência.

No trajeto pela cidade instigou-me o fato de observar as crianças nas ruas em diferentes momentos. Os horários variavam entre a manhã, tarde e noite. A presença e a sobrevivência nas ruas da cidade expressam os significados dos mais diversos. A visibilidade social das crianças ganha maior expressão a partir de seu lugar de pedintes. Este lugar se expressa de forma complexa, ultrapassando horários e formas previamente conhecidos por nós. Na maioria das vezes, reproduz a lógica da necessidade de sobrevivência e todo lugar e hora se torna possibilidade de arrecadação de dinheiro.

- Acordamos sempre às 06:00 horas da manhã e pegamos o ônibus às 06:40 horas para o sinal....(Gabriel e Jean)¹²

⁹ Falcão – Meninos do Tráfico. Documentário exibido pelo programa Fantástico em março de 2006.

¹⁰ Filme produzido por ChiaraTilesi, Stefano Veneruso e Maria Grazia Cucionotta.

¹¹ Curtas produzidos por oito diretores dos vários continentes para retratarem a infância.

¹² Observação: Peço a atenção do leitor nas citações de autores, do caderno de campo e das entrevistas que terão as seguintes formatações: Citação de Autores – terá somente o destaque entre aspas. Citação do Caderno de Campo – **Negrito**. Citações das Entrevistas com as crianças – *Itálico*. Todas terão a formatação da letra Times New Roman, letra tamanho 11.

... Era 12:30, após passar pela Praça da Liberdade, quando entrou um garoto aparentando ter 11 anos com uma caixa na mão, onde dentro haviam variadas balas...
... Aproximadamente 23:15, quando dentro do ônibus, no cruzamento da avenida do Contorno com a avenida Afonso Pena, observei uma criança correndo...

Além dos horários serem os mais diversificados, os dias de trabalho no sinal não restringia somente em dias de maiores movimentos na cidade, de segunda feira à sexta feira. Estendiam-se, também, aos sábados, domingos e feriados.

- Nós viemos aos sábados e também e em alguns feriados.(Gabriel e Jean)

Retornando do bairro Floresta no domingo à noite, observei dois garotos realizando malabares na avenida do Contorno cruzamento com a avenida Afonso Pena, região Centro – Sul de Belo Horizonte.

Marques (2001, p. 48), em seu estudo sobre o trabalho infantil, constatou que crianças vão para as ruas às sextas-feiras à noite e nos finais de semana. O fato é devido à presença do adulto “provedor parcial” que durante a semana auferir alguma renda para a família, como consequência, seus filhos e filhas executam uma carga de trabalho menor. Já nas famílias, onde não há presença do pai com alguma ajuda financeira a carga de trabalho das crianças se estende por toda a semana. Neste aspecto, uns dos principais motivos que levam as crianças para o trabalho são as precárias condições de vida das famílias, tendo ou não a presença do pai, pois mesmo empregado às condições de trabalho são precárias.

Embora, na lógica das grandes cidades, a rua é, na maioria das vezes, apenas um *espaço* de passagem para casa, trabalho, etc, entretanto é o *lugar* da sobrevivência de muitas crianças que se encontram na barbárie do cotidiano. Magnani (1996, p. 39) nos diz que são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam os espaços, através de uma lógica que opera com muitos

eixos de significações: casa/rua; masculino/feminino; sagrado/profano; público/privado; trabalho/lazer e assim por diante.

Junto a isso, problematizo as situações de perigo que essas crianças enfrentam no seu dia-a-dia pela cidade. São várias as circunstâncias ameaçadoras que colocam a dignidade pessoal e a vida em situações alarmantes, como: assédio sexual, furto, humilhação, brigas, atropelamentos, assalto, prostituição e seqüestros.

Nas entrevistas, as crianças disseram que diariamente vivenciavam situações de riscos no sinal, como furtos e atropelamentos.

- Tem vez que outros garotos chegam e pegam todo o nosso dinheiro. Eles chegam e pegam do nosso bolso e da caixinha. Para comprarem drogas! (Gabriel)

- Quase todos os dias passa um cara ali, em um Golf, e avança o sinal todas as vezes que vamos fazer malabares. (Gabriel e Jean)

O risco é muito. O carro pegar eles na rua... Às vezes, tem gente que aceita o menino na mesa, outros já xingam, falam que a criança tá indo roubar eles na mesa. Declaração de uma mãe, cujos filhos trabalham nas ruas (MARQUES, 2001. p. 41).

Na conversa com os garotos perguntei se já sofreram algum tipo de agressão dos garotos que roubavam o dinheiro da caixinha e me disseram que não, pois eles não oferecem resistência ao serem roubados. Já referente aos motoristas que transitam pelo sinal, alguns aconselham a irem para a escola e alguns levam lanches para as crianças.

- Tem uns que falam para a gente ir estudar. (Jean)

- Tem uma moça que sempre passa de carro e traz lanche para a gente. (Gabriel)

Como se observa, a relação das crianças nos sinais com outros sujeitos é conflituosa. São momentos paradoxos que fazem parte do cotidiano na rua, pois há momentos de solidariedade, mas pode-se deparar com a rejeição e até mesmo com a crueldade e violência.

Podemos, assim, observar que os espaços e tempos explorados, ocupados e/ou vivenciados no cotidiano dessas crianças acontecem de acordo com suas necessidades. Por exemplo, há resignificação dos espaços construídos para determinados fins que ganham novos sentidos e significados de acordo com os sujeitos que dele se apropriam. A praça, talvez, aos olhos de muitos, construída para separar duas ruas ganhou significado de novas amizades, de aprendizagens, de resistência, de liberdade e sobrevivência. Além disso, na trama social da rua é estabelecida uma relação de troca com os outros sujeitos. Rede que é tecida nas relações do cotidiano, muitas vezes, regida na luta contra uma vida de miséria, de violência, sempre em busca de dignidade e de *visibilidade*¹³.

2. As Crianças e o Universo das Relações

- Lá em casa têm 4 cômodos e... (Jean).

Para iniciar o diálogo sobre o universo das relações, comecei pela família. Para enriquecer os diálogos recorri ao estudo do professor Walter Ernesto Ude Marques¹⁴ (2001). Nesse estudo, pesquisou as relações que são estabelecidas entre Trabalho Infantil, Família e Identidade¹⁵, descrevendo situações em que as mães, os pais e as crianças recorrem a alternativas de sobrevivência nas ruas. A pesquisa revelou que a figura do pai ausente, ou que não oferecesse

¹³ Grifo meu.

¹⁴ Psicólogo, Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Professor da Faculdade de Educação da UFMG, nos cursos de Pedagogia e licenciatura, e membro do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação (Nete/UFMG).

¹⁵ MARQUES, Walter Ernesto Ude – Infâncias (pre)ocupadas: Trabalho Infantil, Família e identidade. Brasília: Plano Editora, 2001.

nenhum tipo de ajuda, ou fazia algumas contribuições financeiras esporádicas, foi justificativa unânime da utilização do trabalho infantil como principal forma de sobrevivência da família.

- Nossa mãe morreu, então moramos com nossa tia. Nós a chamamos de mãe. Ela é quem cuida de nós! (Jean).

Na pesquisa feita junto com as crianças pude constatar a ausência do pai, e que as crianças são as principais fontes de renda da família. Criados pela tia, que tem figura materna¹⁶, com mais duas irmãs, “*por parte de pai*”, Gabriel e Jean são protagonistas da sobrevivência familiar. No estudo, Marques (2001, p. 37) constatou que algumas crianças e jovens relataram que já passaram determinado tempo das suas vidas em lares de tios, tias ou avós em momentos de dificuldade financeira ou problemas de relacionamento afetivo com alguém da casa dos seus pais ou de suas mães. Não diferente disso, as crianças que entrevistei moram com a tia, pois a mãe biológica morreu e o pai foi morar em outra cidade. O mesmo autor, baseado em outros estudos, no diz que esse tipo de formação familiar é uma tentativa de manter os vínculos grupais.

A tia com o papel de cuidadora e protetora do lar assumiu o papel de mãe¹⁷. Mesmo trabalhando, não consegue dinheiro suficiente para o sustento da família, tendo como única alternativa de sobrevivência a exposição das crianças à jornada de trabalho.

A gênese da necessidade da exposição das crianças ao trabalho infantil não pode se interpretado de uma forma fatalista e simplificada, pois existem fatos complexos nas relações em que participam diversos atores e agências sociais: “os clientes, que, na sua maioria, compram mercadorias das crianças, as pessoas que fazem doações específicas, instituições responsáveis

¹⁶ Considerada mãe, pois a mãe biológica valeceu.

¹⁷ Modelo de Família Nuclear Patriarcal – Atribui ao pai o papel de provedor do grupo e à mãe a responsabilidade de ser a cuidadora do lar. Mais detalhes ver (MARQUES, 2001, p. 27 - 40).

pela assistência social; as autoridades jurídicas e policiais que repreendem as famílias desses pequenos trabalhadores, dentre outras, os quais também apresentam justificativas sobre suas formas de interagir com esse contexto”(MARQUES, 2001, p. 28). Por sua vez, formas estratégicas de sobrevivência encontrada pela figuras parentais dessas famílias não indicam que as relações existentes entre mães, pais e filhos estejam desprovidas de vínculos afetivos.

Tais mecanismos necessitam ser compreendidos, com intuito de tentar desvelar essa rede de imbricações que contribuem para a produção social desse fenômeno, que, muitas vezes, é vivido no nosso cotidiano urbano como algo da ordem “natural”, como se fosse um problema gerado “pela irresponsabilidade dos pais e das mães”, sem implicações das condições sociais e históricas, colaborando para que essa situação venha se estendendo durante décadas ou, ainda, como se tratasse de uma circunstância que deve ser vista apenas como “objeto de piedade” (MARQUES, 2001. p. 29).

Temos apenas que ficar atentos, que, às precárias condições de vida do grupo familiar dificulta a construção de outras alternativas para enfrentarem os conflitos existentes. Dados mais recentes indicam que as crianças que trabalham têm aumentado consideravelmente, à medida que baixa o custo de encargos sociais, provoca-se a diminuição dos salários, o desemprego dos pais e o incremento de novas tecnologias, assim é que são obrigadas a passar da condição de consumidoras para a de provedoras (SILVA, 2003. p. 52).

Esse quadro de pobreza da infância no mundo é decorrente, segundo Sarmiento (2001, p. 16), a operacionalização contrária que a globalização faz em torno do estatuto da infância. Que por um lado o desenvolvimento da mão-de-obra infantil nos países que fazem dos baixos custos salariais o fator de competitividade e lucro no mercado e, por outro, ocorre o aumento dos indicadores de desigualdade social na população.

Nesse sentido, a criança situada nesse contexto se vê obrigada a assumir o papel de provedora diante da pressão sofrida pela própria necessidade de sobrevivência e também a da sua família perante sua transformação na única fonte de recurso financeiro.

- Tem vez que precisamos o que falta, aí nós viemos. Fica faltando as coisas para comer e dinheiro. (Jean).

Para mim, é ajudar minha mãe. Por exemplo, ela está precisando de dinheiro. Aí, nós saímos, e eu luto bem lá para tentar o dinheiro que minha mãe quer. Até eu conseguir o dinheiro que ela quer. Eu fico preocupada. É muito importante, porque senão não tem comida dentro de casa, não tem roupa. Declaração de uma menina de 9 anos que trabalha nas ruas (MARQUES, 2001, p. 41).

Nas falas acima podemos constatar o lugar social que cabe a cada criança no contexto familiar. A necessidade de sobrevivência da família é repassada para a criança por intermédio da mãe desamparada diante de sua condição social. Por fim, para as crianças isto é um fato que se caracteriza como necessidade de sobrevivência.

Durante as observações na cidade, em especial nos ônibus, percebi que as crianças utilizavam várias estratégias para facilitar a venda de seus produtos. A maioria entrava pela porta traseira do ônibus e quando pela porta dianteira passavam por baixo da roleta. Entretanto, em alguns casos, quando terminavam de vender as balas se dirigiam até a roleta e gratificavam o trocador com alguma bala ou chicletes. Nesta perspectiva, temos duas situações, ao meu ver, incômodas. De um lado temos pessoas (passageiros e motoristas) que aceitam, passivamente, a entrada das crianças no ônibus sem pagarem a passagem, gerando conformidade. De outro, cúmplices da situação através do sistema de troca de favores, ou seja, as crianças podem entrar deste que não incomodem os outros e/ou recompensem o motorista e o trocador.

Nas entrevistas com as crianças identifiquei que para chegarem até o sinal elas utilizam algumas estratégias. Disseram que quando o motorista é conhecido eles entram nos ônibus sem pagar a passagem: “O motorista já nos conhece e deixa a gente entrar sem problema”. Quando o motorista é desconhecido as crianças encontram alguma dificuldade, mas conseguem. Entram pela porta dianteira e passam por baixo da roleta ou entram pela porta traseira quando um passageiro desce.

Marques (2001, p. 54) identificou alguns argumentos e artifícios mais comuns praticados na comercialização das mercadorias pelas crianças que trabalham. Para isso, utilizam aspectos da realidade cotidiana das suas vidas, componentes históricos e culturais que compõem o mundo social das ruas da cidade. Dos elementos observados, o autor destacou: o uso de brincadeiras e piadas para divertir os clientes, a adoção de uma postura respeitosa e educada, a queixa da falta de alimentos em casa ou de outras necessidades, construção de frases com rimas para valorizar a mercadoria, dentre outras.

Muito dos elementos destacados acima pude observar nos ônibus, como: a adoção de uma postura respeitosa e educada; “Boa tarde gente”, “Oi gente, tudo bem? Meu nome é...”; a queixa da falta de alimentos em casa ou de outras necessidades; “A minha mãe está doente e não tem condições de trabalhar, por isso estou aqui vendendo minhas balas...” e a construção de frases com rimadas e criativas; “Atenção, isso não é um assalto! O meu nome é P... e estou aqui para vender minhas belas e macias balas que custam apenas R\$0,50”. Observei algumas crianças que ao entrarem, muitas vezes em silêncio, entregavam bilhetes com mensagens religiosas:

NÃO PERMITAS QUE A MAGOA O PERTUBE.
PROCURE MANTER-SE CALMO, PARA OUVIR
A VOZ SILENCIOSA DE DEUS DENTRO DE
VOCÊ. Assim poderá superar todas as dificuldades

que aparecem em seus caminhos. CONTO COM
SUA COLABORAÇÃO. BALAS R\$0,50.

Foi Tudo Por Amor!!!

Foi tudo por amor que numa cruz
Pesada ele carregou.
Nas ruas de Jerusalém provou o seu amor
Nada poderá se comparar ao seu grande amor.
Ele demonstrou o seu amor se entregando
Numa cruz, tudo por amor.
Assim ele nos amou.
Creia Jesus te ama!
Não duvide, ele mostrou que nem a morte.¹⁸

Como observado, as crianças utilizam várias estratégias para conquistarem compradores de suas mercadorias e, em especial, chegarem aos locais de trabalho. E quando chegam no sinal, quais as estratégias de permanência nesse pedaço? O sinal virou pedaço?

Segundo Magnani (1996, p. 32), o termo “pedaço” designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. Sendo o sinal um lugar, que, para muitos pode ser apenas passagem e para outras formas de sobrevivência, constitui-se, dessa forma, como o pedaço das crianças. Nesse pedaço é traçada uma teia de relações com outros sujeitos, afim de equilibrarem-se na trama do cotidiano da rua.

Antes de abordar as crianças nos sinais, observei alguns gestos e falas que elas utilizam como forma de atrair a atenção dos motoristas. Ao fechar o sinal, as crianças se dirigem para a faixa de pedestre e gritam; “Ei gente, bom dia!”. Abaixam o tronco e iniciam-se as atividades até pouco tempo antes do sinal abrir novamente. Cada ida a faixa, gera falas e posturas diferentes

¹⁸ Caderno de campo. Bilhetes entregues por crianças que vendiam balas nos ônibus.

das crianças como, por exemplo; “Olá pessoal, tudo bem?” Abaixam o tronco com movimentos de braços. Outras vezes, vão para a faixa em silêncio e fazem apenas os movimentos de cumprimento aos motoristas.

No momento das entrevistas com as crianças, em um dos encontros no sinal, por várias vezes observei o olhar atento de alguns motoristas. Pensei em estar causando um olhar de estranhamento neles. Sempre imaginando o que se passava na mente deles como, o que aquele rapaz está fazendo ali? Será que ele é de alguma instituição? Por um momento, durante a entrevista esses acontecimentos me incomodaram. Passado um tempo, me acostumei com a situação, entretanto, sem perder de vista a situação delicada na qual eu e as crianças estávamos expostos.

Durante a entrevista passou um motorista em um caminhão e saudou as crianças. Perguntei quem era e disseram ser amigos deles. “Tem vez que ele passa e dá caixa de leite para gente”. Perguntei se as pessoas que passam pelo sinal têm o costume de levar comida ao invés de dinheiro. “Tem uma senhora que quase todos os dias trás comida pra gente”. Os laços estabelecidos com os sujeitos que passam pelo pedaço facilitam o permanecimento das crianças por mais tempo no sinal. Portanto, além da necessidade de arrecadarem dinheiro, há outros motivos que instigam a permanência das crianças no sinal, por exemplo, a chegada dos amigos.

- Nós acordamos sempre às 06:00 horas da manhã e pegamos o ônibus às 06:40. Ficamos até o meio dia e depois vamos para a escola. Tem vez que nós vamos e tem vez que não. Tem vez que ficamos ali até chegarem os outros meninos. Tem vez que eles ligam a água lá na grama e ficamos nos molhando e depois vamos fazer malabares. (Gabriel e Jean)

- Quando a gente está com uns 10 reais, nós ficamos lá deitados na grama. Ai nós ficamos lá até a noite. (Gabriel e Jean)

- A maioria dos meninos que vêm para o sinal são do nosso bairro. Conhecemos todos os garotos do sinal. (Gabriel e Jean)

O universo das relações e a organização dos espaços e tempos que as crianças ocupam na cidade geram uma constante tensão, pois, muitas vezes, se confundem com os espaços e tempos do brincar, da escola, do estar com a família, entre outras práticas. São relações de ambigüidade traçadas no cotidiano e se traduzem em práticas de necessidade, de resistência e de liberdade.

-Ela vê que nós não estamos curtindo a nossa infância. (Gabriel)

Durante as entrevistas, às crianças disseram que a “mãe” é ciente da presença delas no sinal, entretanto nada pode fazer para evitar, pois, como dito anteriormente, o ir para o sinal é para a família possibilidade de arrecadação de dinheiro.

De acordo com Marcellino (1990, p. 62), o trabalho infantil trás como conseqüência o furto do lúdico na infância, devido à necessidade de trabalhar de grande parcela de nossa população infantil.

Marques (2001, p. 109) destaca alguns depoimentos, de pequenos trabalhadores, que mostram claramente como a redução do tempo de infância para se brincar e divertir entristece o viver dessas crianças, que diante do trabalho infantil é insubstituível.

Ser criança, acho que é aproveitar a infância enquanto a gente tem, porque é uma fase da vida da gente que a gente só vive uma vez. [De que uma criança gosta?] Sei lá, brinca, distrai. Não preocupa com a dívida dos pais, não preocupa com problemas. A1.

E perde muita coisa. Perde a infância toda. Quando você tá trabalhando você não faz nada. Você não joga bola, não solta papagaio, esses negócio de criança mesmo. Nunca fiz. A2.

Paradoxalmente, constata em seu estudo que os momentos de obrigação são também preenchidos pelo mundo do lúdico, o qual se manifesta em diferentes expressões como: breve jogo de capoeira, a oportunidade da dança, o canto de músicas culturais próprias da infância, as brincadeiras de esconde-esconde, etc.

- No sinal brincamos! Brincamos na água que molha a grama, de esconde-esconde, de pega-pega na água da chuva. (Gabriel e Jean)

Nas observações do campo e no encontro com as crianças, à presença da brincadeira era visível. Ir ao sinal, além da possibilidade de arrecadarem dinheiro, é, também, sinônimo de partilha de brincadeiras entre elas. Jean disse que quando vai ao sinal sozinho, ou quando não encontra com algum de seus amigos, acaba retornando mais cedo para casa. Para ele, ficar no sinal sozinho “não tem graça”. “Embora a brincadeira não seja uma ação ou expressão específica e restrita às crianças e ao tempo da infância, pode-se dizer que é uma das formas principais em que elas constroem suas aprendizagens e conhecimentos” (DEBORTOLI, 2004. p. 25). Com sol ou chuva, com ou sem os amigos, com a água do gramado, com os bastões, com as bolas, pedaços de paus... Qualquer objeto configura-se como brinquedo para as crianças, e assim, está em suas mãos a decisão de eleger, através da ação lúdica, os objetos que a ajudarão no processo de leitura do mundo. Os pedaços de paus podem ser espadas, as bolas menores se transformam em bolas de futebol, a água do gramado uma cachoeira, tudo isso pode levá-las ao mundo do imaginário em lugares e mundos desconhecidos, conhecer pessoas, experimentar novas relações... Explorar o mundo.

Essas estratégias representam formas expressas de um saber construído no universo das relações entre os grupos de crianças, que é constituído a partir da criatividade, da *imaginação*, da *inventividade* e da *capacidade interpretativa* dessas crianças nas relações com outros sujeitos.

Estratégias que perpassam o campo simbólico num processo de comunicação que envolve *linguagens, mitos, metáforas e alegorias*.

Trata-se de uma realidade que tem de ser vista na sua complexidade, pois apresenta contradições e dimensões simbólicas dentro de uma contextura multidirecional que abrange diferentes aspectos relacionados às identidades e às concepções que tem sobre família, pobreza, infância, caridade, solidariedade, sobrevivência e religião, na nossa sociedade (MARQUES, 2001. p. 54).

Assim como o lazer, o brincar é um tempo que implica a inserção de uma necessidade humana fundamental: a liberdade. O brincar se manifesta como dimensão que é simbólica, constitui inserção cultural, se expressa como linguagem e como processo de elaboração de significados coletivos, contextualizados e enraizados no universo social que o legitima (DEBORTOLI, 2004, p. 20). Brincar é fazer história, imaginar, criar, recriar, compartilhar, apreender, compreender, significar, ressignificar...

O brincar só poder ser compreendido como processo de inserção em um tempo-espço de aprendizados denarcadamente sociais. (...) uma brincadeira entrecruza histórias, tempos e espaços. (DEBORTOLI, 2004. p. 20)

Observamos que é conflituosa/tensa a relação entre trabalho e brincadeira. Reflito sobre a capacidade que as crianças têm em vivenciar os conflitos do cotidiano de forma poética. Na verdade, as crianças possuem a capacidade de transformar o real. Conseguem transmutar as adversidades da vida em: liberdades, fantasias, sonhos...

Considerações Finais

O encontro com as crianças no sinal foi uma experiência ímpar. Possibilitou reflexões, problematizações e discussões sobre o cotidiano da rua. Ajudou a pensar o lazer como manifestação humana plenamente enraizada nas relações cotidianas, marcada por contextos culturais singulares, onde diferentes sujeitos produzem suas existências. Estudar a infância com este olhar tornou o encontro com crianças no sinal momentos de questionamentos, de incertezas, de buscas, de reflexões, de descobertas, de angústias e de alegrias. Traduz-se em uma grande “aventura” humana e acadêmica.

Ainda que raro, o lazer está presente no cotidiano do trabalho infantil. Pensar o lazer como manifestação humana, se faz essencial na compreensão das relações estabelecidas como os sujeitos aos quais vamos de encontro em nossas práticas cotidianas.

Retomo o conceito de lazer proposto por Gomes (2004, p. 125), que nos diz “(...) o lazer é uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho”.

Nesse sentido, o exposto, permitiu pensarmos diversas possibilidades de vivências de lazer no cotidiano de crianças inseridas no trabalho. As vivências podem ser observadas nas brincadeiras que são partilhadas, construídas e reconstruídas, no encontro com os amigos, na ressignificação dos tempos e espaços da cidade, na produção de novas práticas culturais e corporais que envolvem o malabares, e também, nos deslocamentos pela cidade, nos obstáculos enfrentados, em especial nos sinais, e em todo lócus onde estão inseridas as crianças.

Nas observações pude compreender o lazer em seus múltiplos aspectos, sendo esse, concebido como gesto humano, como possibilidade de expressão, de representação, significação, ressignificação e reinterpretação, capaz de propor uma nova ordem social e de transformação da realidade. Entretanto, cito que é fundamental entendermos que as práticas de lazer, vivenciadas pelas crianças, estão inseridas em um contexto problemático e, por fim, transformam-se em impossibilidades. Estão associadas, entre outras questões, às altas taxas de desemprego presentes no nosso país, além da pobreza, da desigualdade e exclusão social, com interfaces em diferentes fatores de natureza política, cultural, econômica e de organização social da nossa sociedade como um todo.

O trabalho infantil constitui uma realidade que necessita de novos olhares sobre os sujeitos. Seja através de políticas sociais, ou através de ações dos sujeitos que compõem o contexto social. Todas crianças são portadoras de direitos, e estes devem ser respeitados e legitimados. Conhecer de perto a realidade das crianças trabalhadoras abriu novas portas para entendermos as relações entre criança, lazer, trabalho, na edificação de políticas e processos de formação humana dedicadas a problematizarem as situações de risco que milhares de crianças estão sujeitas, além de uma inserção social mais digna.

A presença do lazer no cotidiano do trabalho infantil manifesta-se de forma ambígua, sendo que na conjuntura social é conflituosa a relação entre ser criança e trabalhar. Por fim, esse contexto assinala novas possibilidades de estudo e debates sobre a presença das crianças no trabalho e suas relações com a infância e com lazer.

REFERÊNCIAS

CASTRO, L. R. de (Org.). *Subjetividade e Cidadania* - um estudo com crianças e jovens de três cidades brasileiras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

_____. *Crianças, Jovens e Cidades: vicissitudes da convivência, destinos da cidadania. Subjetividade e Cidadania: um estudo com crianças e jovens de três cidades brasileiras.* Rio de Janeiro: 7 LETRAS/FAPERJ, 2001.

_____. *Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. Crianças e Jovens na Construção da Cultura.* Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. As crianças e a brincadeira. In: CARVALHO, SALLES E GUIMARÃES (orgs). *Desenvolvimento e Aprendizagem.* Belo Horizonte: Editora UFMG – Proex – UFMG. p, 77-88, 2002.

_____. Verbetes: Brincadeira. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). *Dicionário crítico do lazer.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 19-24

_____. Verbetes: Brinquedo. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). *Dicionário crítico do lazer.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 25-29.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. *Educação e Sociedade.* Revista de Ciência da Educação. Campinas. v. 26, n. 91. p. 351-360, Maio/Ago. 2005.

FIGA, M. Esperanza. As outras crianças. In: LARROSA, Jorge e LARA, Nuria Péres de. (Org.) *Imagens do Outro.* Petrópolis: Vozes. p, 87-96, 1998:.

GOMES, Christianne Luce. Verbetes: Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). *Dicionário crítico do lazer.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 119-125

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Infância, Sociedade e Cultura. In: CARVALHO, Alysso; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (Org.). *Desenvolvimento e Aprendizagem.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

KRAMER, Sonia. Pesquisando Infância e Educação: Um Encontro Com Walter Benjamin. In: KRAMER, Sonia; LEITE (Org.). *Infância: fios e desafios da pesquisa.* Campinas: Papyrus, 1996.

_____. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO; KRAMER. *Infância, educação e direitos humanos.* São Paulo. Cortez, 2003. p. 54 -70.

MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílian de L. (Org.). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana.* São Paulo: EDUSP, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da Animação.* Campinas: Papyrus, 1990.

MARQUES, Walter Ernesto Ude. *Infâncias (pre)ocupadas: Trabalho Infantil, Família e identidade*. Brasília: Plano Editora, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. GARCIA, Regina Leite; LEITE FILHO, Aristeo (Org.) *Em defesa da educação infantil*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 13-28, 2001.

SILVA, Maurício Roberto da. Sonhos de Criança: trabalho ou lazer. In: Nelson Carvalho Marcellino (Org.). *Lúdico, educação e educação física*. 2. ed. Ijuí: Rio Grande do Sul; Ed. Unijuí, 2003. p. 49-71. Coleção educação física.

SOUZA, Solange Jobim e. Re-significando a Psicologia do Desenvolvimento. In: KRAMER Sonia; LEITE (Org.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas; Papirus, 1996.

Filme - Crianças Invisíveis – All The Invisible Children. Ano de lançamento (Itália) 2005. Site Oficial: www.alltheinvisiblechildrenmovie.com - Estúdio: Rai Cinemafiction / MK FilmProductions S.r.l. Distribuição: 01 Distribuzione / Paris Filmes
Direção: Mehdi Charef, Kátia Lund, John Woo, Emir Kusturica, Spike Lee, Jordan Scott, Ridley Scott e Stefano Veneruso.

Endereço dos Autores:

Túlio Campos.

Rua Oscar Trompowisk, 565 ap 501

Gutierrez. CEP: 30430-060 - Belo Horizonte – MG.

Endereço Eletrônico: tulio_edfisicaufmg@yahoo.com.br

José Alfredo Oliveira Debortoli.

EEFFTO/UFGM.

Av. Carlos Luz, 4664 – Pampulha

CEP: 31310-250. Belo Horizonte – MG.

Endereço Eletrônico: dbortoli@effto.ufmg.br